

OS MUSEUS E O MAR: APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Maria Margaret Lopes¹

DOI: <https://doi.org/1026512/museologia.v7i14.18365>

Today we like to think of museums as timeless, without end... But nothing is forever. Not even museums. We have only a few hundred years of museum history, and many collections, as well as the institutions that house them have disappeared in that time. War, fire, flood, and other disasters have taken some, financial exigencies others. Museums that don't earn their support invariably disappear, and with them, often, their collections (Steven et al. 2017: 1).

Esta apresentação do Dossiê *Os Museus e o Mar* não se iniciava com essa epígrafe. Achemos oportuno incluí-la frente ao incêndio que devastou as coleções do Museu Nacional do Rio de Janeiro, à medida provisória de extinção do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM – e às recentes e complexas discussões internacionais sobre as diversas perspectivas de análise dos agora chamados ‘*Lost Museums*’. Talvez as discussões desse outro dossiê contribuam para adensar nossas reflexões sobre os necessários processos para consolidação da Museologia no Brasil. Para voltar nosso olhar particularmente para temas que por vezes parecem perdidos nos estudos da Museologia no país: a História dos Museus, das exposições, das coleções e de suas permanências e impermanências (Aranha Filho, 2011).

Histórias de museus, exposições, coleções e de outros objetos depositados ou coletados que nem mesmo chegaram aos museus são os temas dos artigos aqui reunidos, que se voltam para outro dos sujeitos, senão esquecidos, pouco privilegiados em nossas historiografias museológicas: o mar.

No entanto as produções do mar encantam a humanidade há séculos. As coleções de Albertus Seba (1665-1763) são emblemáticas desse interesse pelos produtos do mar. Durante décadas o apotecário de Amsterdã – então centro do comércio marítimo internacional – procurou nas docas e recebeu em troca de seus remédios e cuidados para com os marinheiros, as mais vastas coleções de produções então exóticas de diferentes regiões do mundo². Fossilizados, os peixes e conchas evocando mares distantes, inacessíveis ou não mais existentes foram a base de sustentação das ‘Teorias da Terra’ quando encontrados no alto das montanhas (Rossi, 1992). Foram objetos privilegiados dos colecionadores ou das exposições dos museus do Renascimento ao fim do XVIII. Os ‘*Abuzos da Conchiologia*’ – a moda de reunir conchas apenas para exibição em gabinetes ou

¹ Maria Margaret Lopes, PPGCiência da Informação - FCI/UnB. Agradecimentos ao CNPq pelo apoio ao projeto de produtividade em pesquisa: 306046/2014-8 - Oceanos: capítulos estratégicos na História das ciências geológicas (1870-1950), no qual se insere a organização desse volume.

² Descritas por Irmgard Musch, et al., *Albertus Seba's Cabinet of natural curiosities: Locupletissimi rerum naturalium thesauri, 1734-1765*, Cologne and London, Taschen, 2001, a obra com diversas imagens coloridas está atualmente disponível em <https://www.thegrandinitiative.com/file-ready/seba-cabinet-of-natural-curiosities>. Acesso em 19/09/2018.

produção de enfeites incentivada pelo comércio dos holandeses, e não para o estudo sistemático de seus ‘vermes’ – foram denunciados por Alexandre Rodrigues Ferreira³ nas últimas décadas do século XVIII. Pomiam (1987) em um de seus estudos clássicos, escolheu as conchas para contrapor como metáfora às medalhas - a Filosofia Natural à erudição – para evidenciar o quanto os produtos de História Natural suplantaram o interesse pelas antiguidades nas coleções parisienses do século XVIII.

As conchas continuaram as coleções por excelência, também no país, por exemplo no Museu Paulista, até o fim do XIX, quando, Hermann von Ihering apoiou-se em seus estudos malacológicos para traçar a disposição de suas teorias sobre as pontes continentais e a origem do Oceano Atlântico (Lopes, 2008). O diretor do Museu Paulista fazia parte a sua época da rede de interessados pelos estudos dos mares e suas produções, que tiveram na Estação Zoológica de Nápoles a instituição modelar a seguir, com seu aquário aberto ao público, suas coleções de pesquisa e exposição, seu programa de recepção de pesquisadores. Fundada em 1872, a Estação, com suas novas práticas de estudo da História Natural foi a inspiradora dos laboratórios, museus marinhos e aquários que proliferaram por todo o mundo.

Desde então graças aos projetos e expedições de apropriação e mapeamento dos oceanos e de suas profundidades, os museus se enriqueceram cada vez mais das produções do mar. Os oceanos continuam na ordem do dia, especialmente hoje, seja pelas investigações sobre questões ambientais, processos climáticos, biodiversidade ou as consequências não previsíveis da exploração dos veios polimetálicos de suas profundidades, que armazenam os terras-raras essenciais para o fabrico dos smartphones aos mísseis⁴. Estas questões estão pouco ainda musealizadas entre nós e esses poucos exemplos apenas ressaltam que desde há muito os produtos do mar estavam expostos nas feiras, foram retratados por artistas, foram reunidos nas coleções dos príncipes, nos gabinetes particulares, foram inventados como objetos classificados nos museus, nas escolas, universidades, nos institutos de pesquisa, chegaram aos aquários.

Esses são temas que começam a surgir no artigo que abre esse dossiê *Entre el mercado, el espectáculo y el museo: las colecciones de pinnípedos y el problema de su clasificación*. Nossa colega argentina inicia seu artigo referindo-se às pinturas artísticas que retratavam as bancas de mercados europeus do século XVII, com ‘a superabundância do ordinário e a presença do extraordinário’ do fundo e dos mares distantes. Entre o extraordinário dos mares, o artigo resalta o quanto as ‘focas’ desde há muito representavam o repertório de animais do mar nos circos romanos, nos desenhos, catálogos, mapas, espetáculos, exposições públicas e itinerantes. Descritos nos relatos de viagem, explorados comercialmente e dissecados desde o século XVIII, os hoje considerados mamíferos marinhos trouxeram inúmeros problemas até bem adentrado o século XIX, às

³ Ferreira, Alexandre R. Abuzo da Conchylogia em Lisboa. Para servir de introdução á minha Theologia dos (Vermes). 30 pags. 1781. DISS-21,2,2 No.20. Documento do Museu Museu Nacional de História Natural e da Ciência de Lisboa. Parcialmente reproduzido em Pataca, Ermelinda M. Terra, água e ar nas viagens científicas portuguesas (1777-1808). 2006. Tese (Doutorado em Geociências) - Universidade Estadual de Campinas; e completamente reproduzido no âmbito do projeto coordenado por Marta Lourenço: Riscar o Mundo: Desenhos científicos do antigo Império português nos fundos documentais do MUHNAC, Universidade de Lisboa (Séc. XVIII - XIX).

⁴ Para a discussão desses temas ver por exemplo as exposições Oceanos do Museu da Vida, Fiocruz, Rio de Janeiro. <https://portal.fiocruz.br/noticia/museu-da-vida-apresenta-exposicao-oceanos>; Mar Mineral. Ciência e Recursos Naturais no Fundo do Mar. Museu Nacional de História Natural e da Ciência de Lisboa. <https://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/mar-mineral>. Acesso 19/09/2018. E entre outros, o artigo de Cameron, Fiona et al. Representing climate change in museum space and places. WIREs Clim Change 2013, 4: 9-21. doi: 10.1002/wcc.200.

práticas classificatórias das ciências dos museus europeus e americanos, que se orgulhavam de seus exemplares dessas criaturas trazidas das regiões mais remotas do globo. Discutindo as interações históricas entre ciências, agentes comerciais, marinheiros, o artigo destaca a circulação e o estudo de alguns desses animais marinhos, trazendo a contribuição de outros espaços e interesses para a conformação das coleções das produções dos mares nos museus.

As riquezas dos mares continuaram a ser coletadas pelos pescadores, marinheiros, moradores das regiões litorâneas, turistas, mineradores, especialistas, para os mais diversos fins. Às produções naturais do mar, somaram-se aquelas derivadas das práticas humanas da pesca e caça nos mares, das viagens de exploração, das guerras, dos naufrágios, das crenças, para não mencionar aquelas dos descartes dos plásticos que hoje em dia ocupam as páginas da web.

Destroços, objetos pessoais e ‘muita gente morta’ da 2ª guerra mundial – ‘como um mundo de coisas flutuantes’ – os ‘salvados de guerra’ chegaram às praias brasileiras de Sergipe e Bahia, originando toda uma prática social de apropriação cultural da guerra distante e uma rede de agentes envolvidos em sua coleta, distribuição, comércio, acumulação, conflitos ou crime. É o que nos conta, ampliando nossas ideias sobre a prática de coletar e apoiado em amplas referências teórico-metodológicas, o artigo *Os Malafogados: objetos, memória e guerra na costa do Brasil (1942-1945)*. ‘Os restos e rastros objetos insignificantes para o discurso oficial do Estado Novo’, mas ‘salvados de valor’ ocuparam as páginas dos jornais, as tentativas de controle policial, enriqueceram um comércio clandestino, criaram processos judiciais ganhando diferentes significados nas práticas das populações litorâneas e em seus registros. Vistos como entulhos, os objetos salvados só agora, como evidencia o artigo, ganham novos significados à luz das novas perspectivas, especialmente da Arqueologia e da Museologia. Para além de documentos em diversas instituições, alguns dos salvados ainda podem ser encontrados nas casas de famílias tradicionais ou no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Essas produções humano-marinhas que são vendidas, mobilizam o comércio, criam coleções ou nem chegam aos museus, foram ainda muito pouco investigadas pela produção museológica no país. Por vezes nem mesmo mereceram identificações específicas nas tipologias dos museus, que as invisibilizam sobre outras denominações.

Os dois outros artigos que se seguem, se ocupam das discussões atuais e das relações entre coleções arqueológicas conservadas *ex situ* nos museus ou *in situ* nos ambientes subaquáticos em que foram depositadas.

Exemplificando a importância da pesquisa inovadora realizada nos programas de pós graduação do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e as potencialidades apresentadas na literatura internacional, o artigo *Interfaces entre Arqueologia Subaquática e Museologia: documentação, conservação preventiva e preservação in situ na Loca da Mãe d’Água (Monte Serrat, Salvador, Bahia)* problematiza aspectos da complexidade das diferentes etapas de pesquisa em Arqueologia subaquática e da conservação *in situ* de sítios subaquáticos no país, através de objeto de estudo inovador como o são os ‘lugares públicos de devoção às entidades das águas mais antigos de Salvador’. A *Loca da Mãe d’Água* se constitui em um sítio depositário devocional de oferendas às entidades das águas pelos integrantes dos terreiros de candomblé de Salvador, concentrando a cultura material que já cumpriu sua função dentro dessas comunidades. A pesquisa centrada nos processos de formação do sítio descreve as etapas de trabalho da documentação de campo à conservação preventiva e *in situ*. Advogando em favor da conservação *in situ*

nesse caso, o artigo discute esse tema polêmico particularmente em relação ao patrimônio cultural subaquático brasileiro.

Evidenciando a contribuição do IBRAM aos mais diversos aspectos da construção da Museologia no país, o artigo *Acervos de Arqueologia em Museus Marítimos: Casos do Brasil e do exterior* parte de levantamentos realizados no portal virtual do IBRAM, anteriormente a sua atual apresentação. Uma vez que os sites virtuais e canais de comunicação sobre os acervos de Arqueologia nos museus marítimos não fornecem informações suficientes sobre a forma como os acervos estão em exibição e sobre as temáticas abordadas pelos museus⁵, a estratégia utilizada pela autora foi considerar também olhares de diferentes públicos — como sites em que turistas deixam suas opiniões — para estabelecer relações com acervos de arqueologia em museus categorizados como museus marítimos em diferentes países. O artigo traz um precioso levantamento dos Museus marítimos do Brasil com acervos arqueológicos, bem como das pesquisas recentes realizadas com tema da Arqueologia de ambientes subaquáticos, no país.

O artigo *Um oceano de desconhecimento sobre a biodiversidade* continua a discussão 'da preservação *ex-situ*, agora do acervo do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo: mais de 11 milhões de exemplares, uma das maiores coleções do mundo focada na biodiversidade Neotropical. Através de subtítulos inspiradores apresenta a pesquisa realizada sobre o 'mar de histórias', pesquisas e reestruturação da exposição de longa-duração do Museu de Zoologia. Valoriza a importância do estudos e divulgação das coleções em todos os seus níveis, frente a pressão atualmente sofrida pela pesquisa por resultados em biodiversidade que ameaça uma das facetas da "crise da biodiversidade", bastante esquecida também: o 'desprestígio pelo estudo de coleções' que acarreta 'em riscos à integridade e manutenção dos acervos com valor incomensurável' que acrescentamos nós, triste e inconformados acabamos de vivenciar. Trazendo exemplos de iniciativas e compromissos internacionais firmados por diversos países, inclusive o Brasil, sobre Biodiversidade e Oceano, o artigo divulga os dados alarmantes das pesquisas recentes de que 'nosso desconhecimento sobre a biodiversidade nos mares pode alcançar a taxa de 80% das espécies existentes... no momento em que estamos nos preparando para entrar na década das Nações Unidas para os oceanos de 2021-2030'.

O artigo dos colegas portugueses *A Biodiversidade marinha nos museus de Portugal Continental: uma Introdução* ressalta a importância dos museus nas representações dos usos do mar e do patrimônio marítimo português. Partilha abordagens e muitos pontos de contato com os artigos anteriores, como a identificação de tipologias, os problemas de conservação, divulgação, e falta de estudos das coleções, mesmo considerando-se que 'grande parte das espécies, muitas desconhecidas, encontram-se hoje em dia nas coleções dos museus e o seu conhecimento é essencial para avaliar as perdas de biodiversidade atuais'. Parte da identificação de cinco principais tipologias de Museus portugueses relacionados à biodiversidade marinha — Museus de História Natural Universitários; Aquários Históricos; Museus Etnográficos Marítimos; Centros de Ciência; Aquários Modernos —, para traçar quadros históricos indicativos das trajetórias institucionais e mudanças de significados e narrativas que tais instituições com propósitos diferenciados adotaram em seus percursos, desde as iniciativas do século XVIII aos aquários modernos, incorporando inclusive a coexistência da

⁵ Para uma discussão inicial dos museus que atentam ao tema no país, que encontrou as mesmas dificuldades, ver Anjos, Bianca Werneck C. dos: O Patrimônio Subaquático na sua relação com os museus. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Universidade de Brasília, 2018.

etnografia e história com as ciências marinhas. Frente aos desafios de incentivar um maior interesse pelas ciências e tecnologias também em Portugal, o artigo ressalta a importância nacional e internacional tanto dos novos como dos tradicionais museus, relacionados à biodiversidade marinha para a valorização do patrimônio humano-marinho.

Em abrangência histórica aos dias de hoje, também o artigo *As Instituições da Marinha no Rio de Janeiro e a Preservação de Bens Culturais*, partindo de um quadro mais amplo da discussão sobre a preservação do patrimônio das Forças Armadas no país – tema muito pouco estudado entre nós – traça trajetórias das várias instituições de caráter museal da Marinha brasileira. O Museu Naval Brasileiro criado em 1868, poderia ser associado por um lado aos ‘lost museums’ e por outro àquelas instituições que se reinventaram sucessivamente e conseguiram voltar à vida. Inaugurado oficialmente somente em 1884 seria extinto em 1922, para que parte de seu acervo, assim como do Museu Militar constituíssem o Museu Histórico Nacional. Preservada parte das coleções, um novo museu, agora Museu Naval e Oceanográfico foi inaugurado em 1972, para depois de novos percalços ser novamente inaugurado como Museu Naval em 2006. O artigo ainda destaca mais uma vez, a importância da divulgação e da pesquisa sobre os acervos – nesse caso da Marinha – para que ‘esses objetos não sejam submetidos a um novo ciclo de apagamento, diminuindo o risco de perda, tão presente na vida destes equipamentos que formam parte dos vestígios materiais das ciências no Brasil’.

Os artigos que encerram esse dossiê tratam de abordagens históricas e atuais sobre processos expositivos. Por um lado, destacam a grandeza dos animais marinhos como medidas de excelência dos museus, desde o século XIX e por outro, experiências atuais que retomando o tema da biodiversidade marinha buscam inovar em tais práticas museológicas.

Em uma amostra inicial do que poderia ser uma contribuição para ‘uma história cruzada das museografias e de sua circulação internacional que está ainda por se escrever’ como Dominique Poulot (2013:142) chamou a atenção, o artigo *Profundezas no céu: as fronteiras entre a técnica e os significados das baleias em museus de história natural* toma não mais as ‘focas’, mas o exemplo dos esqueletos e modelos de baleias penduradas nos tetos dos museus europeus, norte e sul americanos desde o século XIX, para problematizar os ‘desafios expográficos impostos pela anatomia dos cetáceos, evidenciando a circulação internacional de teorias, técnicas curatoriais, esquemas, objetos e profissionais’. Encontradas penduradas não só nos museus, mas curiosamente até hoje, também na catedral de Bruxelas por exemplo, e partindo da ‘premissa de que não existe neutralidade nos objetos e exposições’, as baleias são apresentadas em uma coletânea de casos, para problematizar ‘o *display* como uma importante ferramenta de análise dos significados e práticas científicas e curatoriais’.

O artigo *Mudança de paradigma em museu de ciências: coleções, exposição e mediação*, evidencia como novas perspectivas museológicas podem apoiar renovações de exposições, no caso do Museu de Ciências Naturais – MUCIN – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Renovado a partir de 2009 em função de um curso de Biologia Marinha, sediado no Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos – CECLIMAR, o museu reúne vastas coleções científicas e exemplares significativos, como novamente uma foca – a foca-de-wedell (*Leptonychotes weddellii*) e o Albatroz de cabeça-branca (*Thalassarche steadi*), cujos registros são os primeiros para o Brasil. Entendendo o museu como espaço de construção de conhecimento científico e social, e destacando que é de novo, um

‘esqueleto de baleia jubarte (*Megaptera novaeangliae*) o objeto que mais chama a atenção na exposição’ ao lado do esqueleto do golfinho ‘boto da barra’ – bastante conhecido na região por conta da pesca cooperativa que, há anos, realizam os pescadores do estuário do rio Tramandaí – artigo apresenta a organização da nova exposição de longa duração, a partir da criação de uma narrativa expositiva. Ressaltando a importância da comunicação museológica, a nova exposição, organizada a partir de 2014, visa ‘proporcionar aos visitantes, enfrentando os desafios da mediação e valendo-se de diferentes recursos, o conhecimento da ampla biodiversidade do Litoral Norte do Rio Grande do Sul e a reflexão sobre os problemas de sustentabilidade que fazem parte do seu cotidiano’.

Não foi possível nesse dossiê reunir todos os artigos que gostaríamos. Mas o objetivo desse desafio foi justamente começar a conferir maior atenção às coleções e museus que incorporam em seus acervos vestígios das produções humano-marinhas, para apresentar da forma mais ampla possível e sob diversas perspectivas de análise as potencialidades dos museus, dos estudos de coleções e das pesquisas nas diferentes áreas da Museologia, para a abordagem de temáticas da maior atualidade relacionadas aos oceanos.

Agradeço à colaboração constante dos colegas Ana Abreu e Emerson Dionisio, dos pareceristas e muito especialmente às colegas do Aquário Vasco da Gama de Lisboa, cuja prática e generosidade foram um incentivo para essa publicação, bem como a colaboração daqueles que enviaram seus artigos e também àqueles que não puderam colaborar, mas indicaram colegas também interessados no mar e nos museus.

Referências

ARANHA FILHO, Jayme M. *Guia da Impermanência das Exposições: uma investigação sobre transformações do Museu Nacional do Rio nos anos de 1940*. Tese de Doutorado em Antropologia PPGSA-IFCS-UFRJ. Rio de Janeiro, 2011

LOPES, M. Margaret. Trajetórias museológicas, biografias de objetos, percursos metodológicos. In: Almeida, Marta de; Vergara, Moema de R. (Org.). *Ciência, história e historiografia*. São Paulo; Rio de Janeiro: Via Lettera; MAST, 2008, p. 305-318

LUBAR, Steven et al. Introduction. *Lost Museums. Museum History Journal*. v. 10, no. 1, p. 1-14, 2017.

POULOT, Dominique (2005) *Museu e Museologia*. Tradução Guilherme J. de F. Teixeira, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013

POMIAN Krzysztof (1987) *Collectors and Curiosities: Paris and Venice, 1500-1800*. Translated by Elizabeth Wiles-Portier, Cambridge: Polity Press, 1990

ROSSI, Paolo (1979) *Os sinais do tempo*. História da Terra e História das Nações de Hooke a Vico. Tradução Julia Mainardi, São Paulo: Cia das Letras, 1992.